



# QUAIS OS MATERIAIS PARA ARTE?

**Ou existem materiais para arte?**

Live Suzana Rangel



**APOTHEKE**  
ESTÚDIO DE  
PINTURA

# APRESENTAÇÃO

Durante os anos da Pandemia do Covid - 19, o Estúdio de Pintura Apotheke desenvolveu em seu canal do Youtube diversos vídeos que consistiram em aulas abertas, palestras e rodas de conversas, com artistas professores e pesquisadores na área de arte e arte educação. Configuramos assim, um espaço aberto e democrático em meio transmissões simultâneas e gravações. Tal produção gerou um acervo videográfico consistente, com um corpo que perpassa o ensino, a aprendizagem e o processo criativo.

A partir de então, como grupo de estudos, somos instigados a trazer pistas para cada material videográfico daquele canal, que poderá, com mediações e proposição, talvez, enveredar para outros espaços, como exemplos de outras salas de aula.

Desta forma, apresentamos material educativo propositivo ao profess@r de artes visuais, que desejar trabalhar as premissas de uma educação transformadora. Seguimos a filosofia de John Dewey, como forma radical e consistente de viver a problemática da construção do conhecimento, assim significa que conhecer é literalmente algo que fazemos em ação contínua. O que propomos com tais materiais, partindo dos vídeos, com temas imbricado ao que estudados, são atitudes e métodos em relação aos fatos, que somente com experimentação ativa há uma possível verificação da experiência.

Professora Associada Dra. Jocielle Lampert

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC



**APOTHEKE**  
ESTÚDIO DE  
PINTURA

PROGRAMA  
PÓS-GRADUAÇÃO  
ARTES VISUAIS  
ceart/udesc



UDESC  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DE  
SANTA CATARINA



CENTRO DE ARTES • UDESC

Produção - Raony Robson Ruiz

Apoio - Estúdio de Pintura Apotheke - Universidade do Estado de Santa Catarina

Título: Quais os materiais para arte? Ou existem materiais para arte? Live Suzana Rangel

Autor: Raony Robson Ruiz

Editora: do autor, Florianópolis 2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ruiz, Raony Robson  
Quais os materiais para arte? [livro eletrônico] :  
ou existem materiais para arte? / Raony Robson Ruiz.  
-- 1. ed. -- Florianópolis, SC : Ed. do Autor, 2022.  
PDF.

ISBN 978-65-00-46633-1

1. Arte 2. Educação I. Título.

22-113862

CDD-370.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação e arte 370.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PAG. 02

APRESENTAÇÃO SUZANA RANGEL VIEIRA DA CUNHA PAG. 03

QUAIS OS POSSÍVEIS MATERIAIS PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS? PAG. 04

DEWEY E O ENSINO DAS ARTES VISUAIS PAG. 11

# INTRODUÇÃO

Olá professor e professora, este material educativo foi elaborado pelo grupo de estudos Estúdio de Pintura Apotheke coordenado pela professora dra. Jociele Lampert, vinculado à Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

O intuito deste material é apresentar referências teóricas filosóficas e propostas educativas para desenvolvimento do trabalho docente. Para tanto partimos de um projeto desenvolvido durante os anos de 2020 e 2021 quando o grupo de estudos realizou sequências de lives com artistas professores/as problematizando questões sobre o ensino das artes visuais. No diálogo que iremos desenvolver nas próximas páginas teremos como foco a autora Susana Rangel Vieira da Cunha e o encontro virtual intitulado “Quais os materiais para arte? Ou existem materiais para Arte?”. Neste vídeo, Cunha promove um deba-

te com base no contraste existente entre arte contemporânea e o ensino das artes visuais na contemporaneidade. A autora parte de suas experiências pessoais e pesquisas realizadas sobre a temática para confrontar as produções discentes com as produções expostas em exposições artísticas, demonstrando as amarras que ainda são presentes no ambiente escolar e que limitam o que os/as professores/as podem propor em sala de aula.

Este material está subdividido em três momentos, em que primeiramente iremos apresentar a autora Susana Rangel Vieira da Cunha, para em

seguida nos adentrarmos nas questões propostas na live citada, relacionando com o artigo da autora intitulado Materiais da/ de Arte para as crianças (2021). E em um terceiro momento desenvolvemos um debate teórico relacionando o pensamento do filósofo americano John Dewey com o debate proposto por Cunha.

Esperamos que você docente se sinta instigado a repensar a forma como estrutura suas proposições artísticas e pratique os desafios proposto neste material.

Boa leitura e boa prática artística!

---

<sup>1</sup> Link para a live citada [https://www.youtube.com/watch?v=dV9scqO\\_5\\_8&list=PLMq5TYATs1hNGkLGOx3u8QJm-  
-ytSTFpo9&index=12&t=1171s](https://www.youtube.com/watch?v=dV9scqO_5_8&list=PLMq5TYATs1hNGkLGOx3u8QJm-<br/>-ytSTFpo9&index=12&t=1171s) O/A professor/a também poderá ter acesso a todas as lives desenvolvidas no canal Estúdio de Pintura Apotheke do YouTube no link <https://www.youtube.com/channel/UCr4bAmMXrHNcTSvtGTdAFrw>

# SUSANA RANGEL VIEIRA DA CUNHA



Susana Rangel Vieira da Cunha é pós-Doutora pela Universitat de Barcelona tendo como orientador o Dr. Fernando Hernández e na UMinho com Dr. Manoel Sarmiento. Doutora em Educação pela UFRGS com estudos na Universitat de Barcelona com Fernando Hernández. Mestre em Educação (PPGEDU/UFRGS) e Licenciada em Artes Visuais (IA/UFRGS). Por 18 anos foi pesquisadora e professora na Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFRGS em Cursos de Especialização, Mestrado e Doutorado. Atualmente é professora convidada na FAGED/UFRGS. Desenvolve a pesquisa Conversações: crianças e Arte Contemporânea que entrelaça Estudos da Cultura Visual - Educação Infantil - Infâncias - Ensino de Arte. Coordenou, com financiamento do CNPq, a pesquisa Cultura Visual e os modos de ser criança.

Rangel está entre os principais nomes nacionais relacionados a temática da Arte Educação no Brasil, com foco de aproximar arte contemporânea e a Cultura Visual do campo da Educação Básica.

# QUAIS OS POSSÍVEIS MATERIAIS PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS?

Veja essa lista abaixo:

- Pregos	- Copos plásticos	- Tricô
- Meias	- Tijolos	- Parafusos
- Utensílios domésticos	- Chaves	- Tecidos
- Revistas	- Bordado	- Relógios

Em quais espaços, em sua concepção, nós podemos encontrar estes materiais? Quais suas possíveis funções? Em um primeiro momento, eles nos remetem a casa, construção, lazer, vestuário ou para uso pessoal, por exemplo. Porém estes são alguns elementos que podemos encontrar em obras artísticas na contemporaneidade, estes são objetos que o campo da arte se apropriou, ressignificou e transformou, criando novas possibilidades de relações entre o público e material.

Novamente observe a próxima lista de materiais:

- Resma papel sulfite	- Cola líquida	- Cola bastão
- Pincéis	- Tinta guache	- Giz de cera
- Lápis de cor	- Massa de modelar	- Régua

Não é difícil ao analisar essa lista relacionarmos com os materiais solicitados no início do ano escolar na Educação Básica. Isso não é uma norma, existem diversas variações desta lista com mais elementos ou menos, mas segundo Cunha (2021) esses são materiais presentes na maioria dos espaços escolares. Analisando as duas listas, podemos notar que uma é mais diversa, com objetos que em um primeiro momento não se relacionam em um mesmo ambiente e/ou função e na outra objetos marcados como escolares. Poderíamos destacar também que o uso dos objetos tido como escolares tende a seguir o mesmo padrão, ou seja, folhas para se desenhar, pintar, colorir e/ou fazer colagens, sem surpresas ou inovações.

Para Cunha (2021) os materiais usados não são problematizados nas elaborações de propostas artísticas, são utilizados somente como ferramenta para os projetos desenvolvidos em sala de aula com as crianças e adolescentes. Nesse sentido, para elaboração de uma proposta sobre fotografia, em um primeiro momento o/a professor/a busca um motivo para desenvolver algo com está linguagem artística, como por exemplo, discutir o fotojornalismo e o realismo ou fotografia e montagem para tratar de cubismo e/ou surrealismo. Desta forma, o material para essa atividade poderia ser um celular ou uma câmera fotográfica. Contudo podemos notar como esse material não ocupa o espaço central do desafio proposto, o que se busca alcançar com os alunos e alunas é o desenvolvimento do conhecimento sobre fotojornalismo, realismo, cubismo ou surrealismo, neste caso.

Podemos observar como no exemplo descrito ocorre a valorização do conteúdo da história da arte na produção, porém a Abordagem Triangular<sup>2</sup> desenvolvida pela pesquisadora Ana Mae Barbosa é constituída por três eixos leitura de imagem, contextualização e fazer artístico, a autora explica que não deve existir hierarquias entre eles, pois estes não são fases de um processo e sim processos mentais a serem desenvolvidos (BARBOSA, 1998).

## ABORDAGEM TRIANGULAR



2. O intuito da Abordagem Triangular é, atuar como elemento investigativo, a partir do qual a imagem não deve ser tratada como puro elemento estético, mas sim, como um elemento histórico, cultural e discursivo. Cada eixo busca desenvolver um olhar crítico para a imagem, podendo abranger análises interdisciplinares, desta forma, entende-se que é importante entender a história do/a criador/a da obra, os contextos em que esse/a viveu e os movimentos artísticos em que esteve (ou está) inserido/a (Contextualização). Também é entendido como relevante, desenvolver o olhar investigativo para entender os elementos visuais que compõem a obra; comparar produções de diferentes períodos e formular questões, críticas e/ou narrativas a partir daquilo que as imagens apresentam (Leitura de Imagem). Por fim, a autora destaca que a experimentação de materiais e de técnicas para produções artísticas são importantes para o/a aluno/a vivenciar o processo de criação de uma obra, a analisar os elementos fundamentais da forma em suas construções pictóricas e desenvolver o pensar sobre si e sobre o mundo. A autora é enfática ao propor que essa experimentação não deve se limitar à cópia de obras tidas como clássicas, mas, também precisa buscar desenvolver a criatividade e o pensamento poético (Fazer Artístico).



O que nos motiva a refletir sobre, como desenvolver um desafio com os alunos e alunas partir do fazer artístico? Como desenvolver uma proposta em que os materiais artísticos se tornem o centro do desafio?

## Como seria se o plano de aula começasse com a investigação e pesquisa sobre a fotografia do celular ou da câmera ao invés da história do fotojornalismo e do realismo?

É comum encontrar planos de aulas em plataformas como portaldoprofessor.mec.gov.br, em que o percurso da proposta parta de uma análise de imagem, de um livro, de um poema, de uma música, da história da arte e, então, a prática artística ocorre no final, como uma síntese e/ou prática do que foi estudado. Neste formato valoriza-se mais a parte teórica do que a da produção, isto pode ser notado pela divisão feita da carga horária em que por exemplo, num projeto que tenha a duração de quatro aulas, três estarão relacionados a teoria e uma com a prática.

Como seria o plano de aula, caso este começasse com a investigação e pesquisa sobre a fotografia do celular ou da câmera ao invés da história do fotojornalismo e do realismo? Poderíamos refletir sobre, quais funções são possíveis usar em cada um desses objetos? Como essas funções alteram o resultado da imagem? O que é possí-

vel criar a partir desses resultados? Quais temas podem ser retratados a partir desta estética? Quais narrativas são possíveis construir a partir destas estéticas?

Quando o material é posto em evidência o processo, a pesquisa, os acertos e erros, tem mais destaque do que o resultado final, enquanto que quando se começa com um tema, por exemplo, surrealismo e fotografia, o resultado final tende a ter maior peso tendo em vista que este deve se relacionar com o tema proposto inicialmente. Sobre a prática artística Botelho (2021) expõe que após o surgimento da arte conceitual, na segunda metade do século XX, se consolidou a concepção do conceito antever a obra, ou até mesmo, ser a própria obra. Contudo esta não é a única forma de produção, o tema a ser retratado pode se desenvolver em conjunto com prática, com a experimentação de técnicas e pesquisa sobre materiais. Neste modelo processo e tema se afetam e se transformam. Importante destacar que este processo precisa ser mediado, neste sentido que Botelho (2021) expõe o método de tutorias, no qual o processo de criação é avaliado e instigado a avançar a partir de conversas entre professor/a - aluno/a, questionando o percurso realizado, apresentando referências visuais e relacionando com a história da arte.

Entendemos disto que o elemento central da aula, nesta proposição, é a experiência com os materiais e a análise de seus resultados. Neste sentido, Cunha (2020) - na live citada - propõe uma reflexão sobre o que um material precisa conter para po-

der ser considerado um material artístico? Para a pesquisadora materiais artísticos são, em última instância, matéria que manipulamos, transformamos e damos formas diferentes em busca de determinado fim. Por exemplo, o lápis de cor que ao riscar um papel marca-o criando formas visuais, assim como o lixo utilizado pelo artista brasileiro Vik Muniz para suas criações ou os brinquedos utilizados pela artista Lia Menna Barreto, ou os bordados feitos por Arthur Bispo do Rosário. Em todos os casos citados o ser humano se apropriou de um material e transformou em algo diferente, criando sentidos e significados com essa ação.

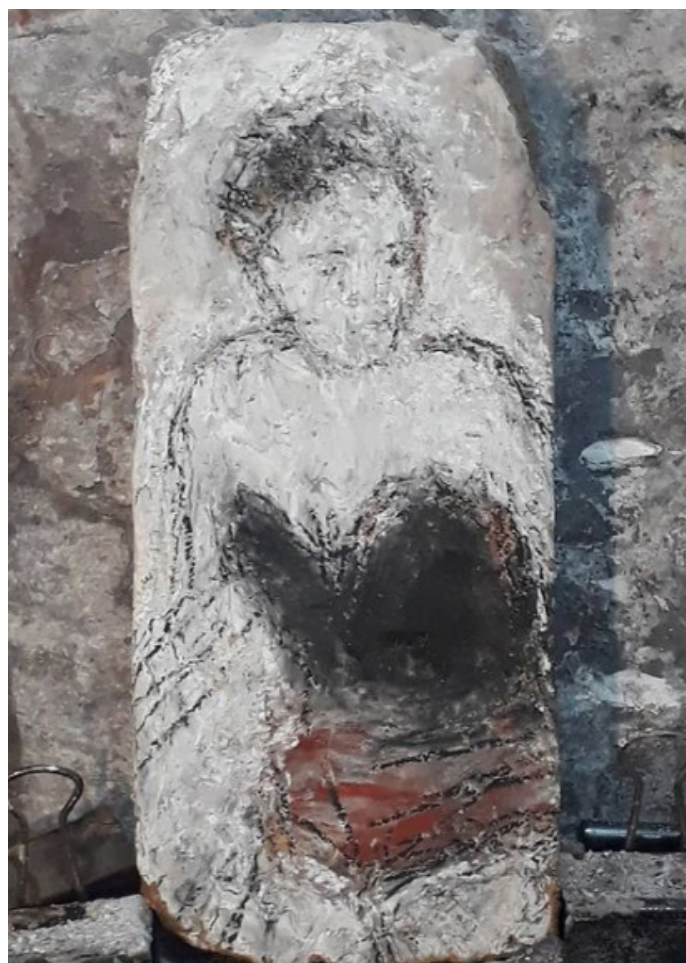
A partir deste pensamento poderíamos aferir que toda e qualquer matéria pode ser material para a arte e para o ensino das artes visuais, tendo em vista que estes poderão ser manipulados, transformados e com isto criar formas, texturas, significados e experiências diferentes.

Materiais são os meios para buscar determinada finalidade e a partir da mediação do/a professor/a deveriam instigar os alunos e alunas a pesquisa, exploração, transformação das possibilidades que estes fornecem. Ao invés de utilizar o papel sulfite A4 como suporte para o desenho, poderíamos pensar sobre quais possibilidades podemos adquirir com a textura do papel amassado? A partir da espessura, resistência e textura como construir formas com o papel? E sobre lascas de árvores? Quais caminhos e pensamentos poéticos essa liberdade de materiais pode propor-

cionar aos/às estudantes?

A prática com um suporte não tradicional pode ser desafiador e instigante para os alunos e alunas pensarem possibilidades de criação. Os trabalhos da artista Juliana Pessoa utiliza de materiais de escombros como suporte para suas produções e nos apresenta um universo de possibilidades que, diferente da folha em branco que não tem marcas, ranhuras ou manchas um material como o azulejo, tijolos de obra traz consigo todas essas marcas de uso do descarte que irão compor a produção.

Figura 01. Sem Título. Série Calça, 2021. Juliana Pessoa



O que estes vestígios podem nos remeter? Quais histórias nos contam? Quais memórias ativam? Onde este suporte costumava estar localizado? Todas essas relações es-

tão presentes e se fazem pujantes durante a intervenção do artista. Somando a isto, existe a luta traçada para conseguir se harmonizar com o suporte e estabelecer diálogos com as texturas que este possibilita, o formato que possui lascas e/ou buracos.



Figura 02 - Sem título, série Caliça, 2021. Juliana Pessoa

A arte contemporânea nos possibilitou maior liberdade de criação e experimentação, contudo Cunha (2020) alerta que os/as professores/as não podem somente fornecer materiais diferentes para o fazer artístico e deixar os/as alunos/as experimentarem de forma livre. Os/as docentes precisam elaborar uma cena pedagógica que busque instigar os/as discentes a investigar, conhecer, analisar, entender os limites desses materiais e problematizá-los, caso contrário voltaríamos ao erro do *laissez-faire* da Pedagogia da Escola Nova. Ou seja, este modelo de proposta não é uma relação despreziosa ou simples pra-

zer, ao invés disto ao apresentar materiais diversos nas aulas, busca-se uma experiência que trabalhe questões relacionadas a prática, a ação intelectual e afetiva.

Compreendemos que os/as professores/as de arte enfrentam diversas dificuldades para a realização de propostas práticas em sala de aula, questões como a falta de um espaço adequado, a falta de tempo devido à baixa carga horária na matriz curricular, e no caso do Ensino Médio em específico ainda existe a pressão para o ensino com foco na história da arte tendo em vista que este conteúdo é avaliado em processos seletivos para o ingresso em universidades. A partir disto, este material educativo não tem como objetivo apresentar, para você docente um modelo ou metodologia fixa para a realização da prática artística em sala de aula, pois entendemos que a realidade da sala de aula é múltipla, tornando-se impossível acessar a todas as necessidades. buscamos então, apresentar questionamentos e formas de se pensar a prática artística e assim promover desestabilizações, debates, movimentos em sua prática docente.

# DEWEY E ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Quando o ensino e a prática de arte se tornam experiências de investigação e pesquisa, podemos estabelecer relações com a teoria do filósofo americano John Dewey que entendia a arte e a ciência como sinônimos (GOMES, 2018 p. 65). Dewey criticou a exaltação do conhecimento teórico em oposição ao do conhecimento prático, entendendo este modelo de pensamento desenvolvidos na filosofia clássica, como uma herança dos gregos da antiguidade.

Ciência e arte são, portanto, conhecimentos práticos. Consequentemente, seria equivocado considerá-las distintas, como uma destinada ao conhecimento e a outra aos aspectos meramente subjetivos, desinteressados ou sem qualquer função instrumental. Na verdade, ambas são modos do uso ativo da inteligência e pensamento na manipulação da natureza. (GOMES, 2018 p. 65)

Na filosofia Deweyana diferente da filosofia clássica e moderna que desenvolve seus argumentos com base em dualidades, como por exemplo, mente e corpo, indivíduo e coletivo, humano e natureza, mundo do pensamento e mundo dos sentidos, para

Dewey tudo se relaciona dentro da experiência formando uma unidade.

Experiência para Dewey surge da interação entre organismo e o meio em que está inserido, a partir um fluxo de ações em prol de uma consumação. Agimos no mundo pois temos necessidades que só podem ser consumadas na relação com este, não existe organismo totalmente independente ou completamente adaptado ao local em que vive, por isto atuamos no mundo em busca de sanar nossas necessidades – que podem ser fisiológicas e/ou sociais (GOMES, 2018). Destaca-se na teoria de Deweyana o fato deste não elencar hierarquias na experiência, ou seja, não existe para o autor diferenças entre uma experiência afetiva, prática ou intelectual, para Dewey (2010) a experiência é sempre um movimento de unidade, não sendo possível criar separações ou divisões na vida do organismo. Fazer isto para o autor é criar fendas na experiência e com isso artificialidades no pensamento, o que geraria os problemas insolúveis das dualidades na filosofia, insolúveis pois partem de uma

artificialidade e não da experiência.

A partir desta concepção, podemos questionar a desvalorização do campo da arte na Educação Básica, que nos tempos atuais ainda é entendido muitas vezes como aulas de descanso para as disciplinas mais “sérias” ou momento para criar decorações para festas na escola (BALISCEI, 2014). Corroborando com este debate Eisner (2008) explica que os modelos educacionais foram construídos com alicerces no campo da ciência e entende-se que valorizar o campo da arte na educação seria um retrocesso por se afastar de concepções racionalistas. Para o autor no início do século XX com o desenvolvimento do campo da psicologia educacional o modelo educacional se aproximou da abordagem taylorista que visava um ambiente escolar controlado e hiper-racionalizado para a constituição de escolas eficientes. Eisner (2008 p. 07) explica que

A influência da psicologia na educação teve outra queda. No processo a ciência e as artes alienaram-se. A ciência era considerada fiável, o processo artístico não. A ciência era cognitiva, as artes eram emocionais. A ciência era ensinável, as artes requeriam talento. A ciência podia provar-se, as artes eram questões de preferência. A ciência era útil e as artes ornamentais. Era claro para muitos, assim como ainda hoje o é para muitos, para que lado pende a moeda. Tal como disse, contava-se com as artes quando não havia a ciência para guiar. As artes eram uma posição retrógrada.

Contudo Arte é um campo de

conhecimento que investiga uma das formas que os sujeitos se relacionam com o mundo e transformam a natureza em sentido à uma experiência singular. Dewey (2010) define experiência singular como um fluxo de ações em prol de uma consumação, com começo meio e fim, sem vazios ou interrupções o que causaria uma transformação do organismo como um todo, ressignificando todas as experiências anteriores a partir do resultado desta nova experiência singular. Contudo não temos experiências completas ou singulares a todo momento, para o autor o fazer automático, rotineiro, mecânico são ações que impedem viver uma experiência singular, para isto é necessário um fazer consciente, presente. Em nossa análise, uma prática artística, que como pontuamos, busque promover a investigação e pesquisa dos materiais utilizados para criação de uma obra podem propiciar momentos para experiências singulares para alunos/as e docentes.

Neste sentido podemos entender esta dicotomia arte-ciência como uma dos problemas que emergem ao separar a experiência em partes menores como se propôs na filosofia moderna, contudo para Gomes (2018) Dewey entende que a compartimentalização, foi uma estratégia desenvolvida pelo ser humano para tentar compreender sua realidade, disso surgiu departamentos como a religião, política, filosofia,

arte, dentre outras. Isto são modos de simplificar a experiência para compreendê-la, porém o problema ocorre quando começamos a entender essas separações como o estado das coisas originais e não uma divisão artificial. No caso específico das artes, sem a percepção de unidade entre teoria e prática, restariam apenas as teorias estéticas sobre ela, criando uma realidade distante do mundo real, distante da população em geral, colaborando para uma sacralização das obras de arte e afastando a percepção da experiência estética no cotidiano. A arte contemporânea envolve esse debate proposto por Dewey e questiona os limites do que pode ou não ser considerado arte, possibilitando a aproximação entre a vida dos alunos e alunas das artes, aproveitando elementos do seu cotidiano como material para produção artística. Contudo a escola ainda mantém o cotidiano distante da sala de aula, se prendendo a lista de materiais e propostas artísticas que se relacionam mais com o pensamento clássico e moderno do que contemporâneo.

A partir do que foi exposto até o momento, sugerimos para que você professor/a reflita sobre quais desafios podemos propor aos alunos e alunas para uma prática artística que se relacione com objetos do cotidiano?

Poderíamos propor que realizassem uma pesquisa com diversos materiais para desenvolver uma ressignificação de objetos do cotidiano, como realiza a artista Sayaka Ganz ao utilizar de utensílios domésticos para a criação de suas esculturas.



Fig.3 - Sayaka Ganz Emergence II, 2013 Fonte: <https://bonstutoriais.com.br/esculturas-animais-plastico/>

Ou criar composições a partir da organização de objetos presentes no cotidiano dos alunos e alunas como o artista Daniel Spoerri



fig. 4 - Daniel Spoerri Large work table (Marcel Duchamp remis en place), 1989. Fonte <https://www.wikiart.org/pt/daniel-spoerri/large-work-table-marcel-duchamp--remis-en-place-1989>

Ou propor uma intervenção em um espaço urbano buscando questionar, problematizar seus significados como fez a artista Kristen Visbal, na obra conhecida como Fearless Girl.

Ainda poderíamos partir das produções de Lia Menna Barreto artista brasileira que ressignifica brinquedos a partir de montagens, composições de assemblages. A artista parte de objetos comuns facilmente identificáveis, mas que quando posto em conjuntos perde a sua função original e desenvolvem novos sentidos e estética perdendo sua identificação inicial.





Fig. 5 - Lia Menna Barreto, bonecas, 2017. Fonte: <https://lia-mennabarreto.blogspot.com/2017/01/gurias-vazias-2017.html>

Estas são algumas possibilidades de se pensar arte-cotidiano para aproximar o campo da arte da vida dos alunos e alunas. Espero que este material tenha sido proveitoso para você professor/a de arte e colabore para que possamos desenvolver práticas artísticas que se aproximem da concepção de pesquisa como propõe Cunha (2020).

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BOTELHO, Manoel. Ateliês e Tutoriais: Reflexões sobre o Ensino de Arte. Editora Faculdades de Belas Artes: Lisboa, 2021.

BALISCEI, João Paulo. Os Artefatos Visuais e suas Pedagogias: Reflexões sobre o Ensino de Arte na Escola. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Maringá, 2014.

DEWEY, John. Arte como Experiência. Martins Fontes: São Paulo, 2010.

EISNER, Elliot E. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? Currículo sem fronteiras volume 8, número 2, p. 5-17 Dezembro 2008.

GOMES, Thiago Barros. Experiência como Arte: John Dewey e a Vanguarda artística estadunidense. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Federal de Minas Gerais, p.232. 2018.

CUNHA, S. R. V. DA. Materiais da/de Arte para as crianças. Olhar de Professor, v. 24, p. 1-25, 24 abr. 2021.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira. Quais os materiais para Arte? Ou existem materiais para Arte. Youtube, 08/05/2020. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=dV9scqO\\_5\\_8&t=1247s](https://www.youtube.com/watch?v=dV9scqO_5_8&t=1247s)> Acesso em 18/05/2022.